

A VIDA MODO DE USAR: *um romance em Puzzle*

Vera Babiense – UERJ

RESUMO	Apresentação do romance <i>La vie mode d'emploi</i> , de Georges Perec, como caminho de reflexão sobre a literatura contemporânea.		
palavras-chaves	narrativa	literatura francesa	literatura comparada

O objetivo deste artigo é apresentar, em grandes linhas, a obra *A vida modo de usar* (*La vie mode d'emploi*), de Georges Perec, *corpus* da tese de Doutorado em Literatura Francesa que defendi recentemente na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autor premiado (Prêmio Renaudot de 1965, com *As coisas* e Prêmio Médicis de 1978, com *A vida modo de usar*), Georges Perec é bastante difundido na França. Além de ser publicado na popular editora *Livre de poche* e de servir de inspiração para uma técnica de ensino de língua francesa (*L'immeuble*), conta, ainda, junto aos grandes clássicos, com trechos de suas obras em diversos livros didáticos. Georges Perec, falecido prematuramente em 1982, é sobretudo tema de teses, artigos, livros e exposições. No Brasil, porém, ainda não é muito pesquisado. Acreditei que apresentar uma tese sobre este autor, tão atual e importante e tão pouco difundido no Brasil, poderia trazer benefícios para os estudos literários em nosso país.

Tema de um dos cursos do Doutorado em que estava inscrita, Georges Perec era para mim um autor desconhecido, e as 700 páginas de seu romance pareciam-me de um peso insuportável. A primeira leitura não amenizou uma certa predisposição negativa. Ao contrário, acentuou-a. O acúmulo de descrições, inventários e listagens retardando ou mesmo anulando o desenrolar de uma história, a multidão de personagens (alguém contou 1400) e o entrelaçamento de suas façanhas, a presença maciça de elementos estranhos à ficção (receitas, bulas, encartes, cartazes, bibliografias) só me faziam perder-me num constante *vou ter que ler outra vez* que me impus, como desafio e teimosia. Aliás, desafio e teimosia são marcas de *A vida modo de usar*. Não só a maioria de seus personagens se impõem uma tarefa obsessiva, como o próprio Perec se submeteu a regras aparentemente masoquistas para construir seu romance. Foi, então, precisamente, esse retornar incessante, essa auto-imposição de leitura minuciosa, que me fez descobrir o prazer de ler o texto múltiplo e fragmentado que é *A vida modo de usar*.

Embora os estudos sobre *A vida modo de usar* enfoquem principalmente os procedimentos escriturais (as citações, as descrições, as *mises en abyme* e as normas de que Perec se serviu para reger a estrutura de seu livro) ou os procedimentos romanescos (os índices de uma autobiografia pulverizada, o realismo, a etnografia do cotidiano) disseminados no texto, um dos aspectos que mais me seduzem nessa narrativa aparentemente centrífuga é sua rotação em torno da idéia de puzzle. Por um lado, o material diegético central deste romance é a obsessão de um enigmático aficionado do puzzle, Percival Bartlebooth; por outro lado toda sua estrutura / escritura lembra as peças de um puzzle que se encaixam, ou não, no tabuleiro onde são armadas. Puzzle sugere ainda um trabalho paciente que exige a participação de dois atores: quem o constrói e quem o arma. O diálogo calado entre eles se faz no ato de armar, no ato da leitura, do jogo. Construtor e armador falam-se sem se ver, através do puzzle. Relacionamento bizarro, a bem pensar. Quem constrói o puzzle, cuja finalidade é ser armado, esforça-se para que a reconstrução do mesmo seja permanentemente retardada por armadilhas ou falsas pistas. Quem arma o puzzle tenta encaixar todas as peças e se angustia diante das dificuldades, mas, ao mesmo tempo, as exige, pois sem elas o prazer de sua atividade se dissiparia. Está assim desenhada a relação texto-leitor, relação por vezes conflituosa, especialmente em se tratando de um texto tão exigente do trabalho lúdico da leitura, como *A vida modo de usar*.

Da metáfora do texto como puzzle, tão bem explorada por Georges Perec, nascem muitos caminhos de reflexão dentro do próprio romance. Puzzle de textos, o que remete para a discussão da presença do discurso do outro no texto perequiano, já que *A vida modo de usar* insere em seu texto fragmentos de textos de outros autores (como o próprio Perec *confessa* em seu *Post-scriptum: este livro contém citações mais ou menos modificadas de*, seguindo-se uma lista de 30 autores, inclusive ele próprio). Puzzle de tramas narrativas: os diversos percursos de cada personagem que vão do cozinheiro ao cientista pesquisador. Ou ainda puzzle ou mesmo *patchwork* de formas literárias, ou seja, a indefinição dos gêneros e sua assimilação por uma forma narrativa híbrida, como confirma não só os inúmeros tipos de narrativa que o romance utiliza, mas sobretudo o subtítulo *romances*.

O projeto narrativo de Georges Perec é inspirado numa pintura de Saul Steinberg em que um apartamento nova-iorquino é visto como se sua fachada tivesse sido removida, revelando assim seu conteúdo e seus ocupantes. A originalidade de Perec está em transferir para um personagem pintor, Serge Valène, a tarefa, ou o desejo, de pintar o edifício à maneira de Saul Steinberg e povoá-lo com todos seus objetos, móveis, moradores e visitantes repletos de memória e vida. Estilhaçado em apartamentos, cômodos, cantos e recantos, o prédio se desagrega, se desconstrói e faz vigorar seus mais variados fragmentos. É assim que cada capítulo do livro corresponde a um dos aposentos do prédio cujos moradores (vivos ou mortos, atuais ou passados) serão gradualmente conhecidos num emaranhado de histórias nem sempre diretamente ligadas ao personagem em questão.

A partir de dois esboços narrativos, a descrição da hipotética pintura do interior de um prédio parisiense e a aventura de Bartlebooth (um dos moradores do prédio) com seus puzzles, Perec procede, então, à elaboração de um programa estrutural, composto de complexas fórmulas matemáticas e combinatórias e regido por leis do jogo de xadrez. As pesadas regras de construção do romance contrastam, e aí está um dos trunfos do romance, com a aura de leveza que está na pulverização da realidade, na mistura do falso com o verdadeiro, da fábula com a ciência, da comédia com o drama, do trágico com o irônico. A singela história de um armador de puzzle e as minúsculas histórias do cotidiano de um prédio dissolvem, da mesma forma, a compacta aridez do mundo, como se afirmassem que o melhor modo de usar a vida é aliviando o seu peso.

O que palpita em *A vida modo de usar* é a História silenciosa do cotidiano. A História de um prédio e seus moradores, absorvidos na contingência de suas histórias, ora medíocres ora grandiosas, ligados aos limites de seu tempo e de seu espaço, deixando em sua caminhada as marcas caladas de suas vidas, seus sonhos, seus mitos, suas falências, seus objetos. Novos heróis que subvertem a ordem hierárquica dos personagens patrióticos e escrevem uma História outra, uma epopéia outra, mescla de verdade e ficção, com suas pequenas fábulas da cotidianidade.

Se *A vida modo de usar* não é um romance histórico, pois não propõe o objetivo explícito de registrar o amplo retrato de uma época, ao fixar com muita originalidade seu tempo ficcional num instante cronometricamente datado e imobilizado (8 horas da noite de 23 de junho de 1975), Georges Perec ao menos deixou nítidas marcas do espetáculo cultural que vivenciava.

A vida modo de usar é também, e sobretudo, sonho, ilusão, criação, projeto, lembrança, realidade virtual. E isso graças à composição de um personagem, o pintor Serge Valène, que é o (re) construtor / desconstrutor desse mundo imaginário que só existe em seu pensamento. O quadro que Valène projeta pintar sobre o prédio aberto expondo a vida de seus moradores é a *mise en abyme* do próprio romance, a metáfora do livro-saber, livro-enciclopédia, livro que pode conter tudo. Se a tela de Valène, tentativa desesperada de captar a totalidade da vida, parar o fluxo do tempo e impedir o desaparecimento dos seres e das coisas, fica praticamente virgem, é porque o artista a pintou ao longo da obra e discretamente a apagou à medida que as palavras a substituíam. Estamos de fato diante de um livro-jogo. Não há como evitar a sensação de vertigem – bem coerente com o formato labiríntico deste romance (s), sucessão fascinante de histórias dentro de histórias – que se resolverá na coincidência do fim do romance com o abandono do quadro, o qual não passou de um *esboço do corte transversal de um prédio que figura alguma viria doravante habitar*.

O que realmente importa em *A vida modo de usar*, e aí está a originalidade do livro, é o sistema de romances em germe que seus

personagens e histórias camuflam. E se *A vida modo de usar* for um romance – e felizmente o é – será sobretudo um romance sobre os romances, sobre a arte da combinação de seus componentes, sobre a produção artística e a inextricável mistura de exploração, transformação e invenção que é a base de todo trabalho textual. A astúcia de Perec consiste em fazer essa demonstração sem abandonar a ficção global: sua reflexão sobre o romance tomou a forma de um romance.

Há que se lembrar, no entanto, um certo modo de ser tradicional que nos faz questionar a medida da inovação que *A vida modo de usar* traz à trajetória do romance. A verdade é que este livro mantém um certo sabor de passado, e não apenas por causa do seu resgate de obras anteriores através das citações e alusões. Basta percorrer a lista das histórias e seus personagens (*Índice remissivo de algumas histórias contadas neste livro*) com a qual Perec procura reativar a memória e a curiosidade do leitor, convidando-o discretamente à releitura, que os romances de Balzac e sua superpovoada *Comédia Humana* voltam a habitar nossa memória textual. Há em *A vida modo de usar* um gosto pelo romance sentimental, pela narrativa de façanhas e biografias apaixonantes, pelo fabuloso que se afirma verdadeiro, pelo suspense clássico da intriga policial, pela comédia besteirol; gosto que o romance moderno muitas vezes abafou em prol de uma exacerbada exposição ou interrogação do fazer literário. Uniformizar, ou mesmo dicotomizar, o modo de usar este romance, é suprimir a tensão de uma obra inovadora, sim, mas intencionalmente marcada pelos *velhos mitos* do romance.

A vida modo de usar confirma a medida da generosidade do contador-de-estórias Georges Perec, escritor para quem o controle formal é uma necessidade, e pode mesmo chegar a um nível absurdo (*La disparition*: um romance policial inteiramente escrito sem a letra *e*), mas não é nunca o centro ou a justificativa da obra. Em *A vida modo de usar* há sempre espaço para o leitor ingênuo que se contenta com o fértil emaranhado de personagens, épocas e mundos, e não percebe, ao menos, que tudo se interconecta como um imenso puzzle.

Texto novo, sim, no qual se pode ler a tendência a uma nova visão da literatura, a um novo procedimento narrativo, a novas técnicas de construção, mas, ao mesmo tempo, texto reverenciador da tradição, com cujos fragmentos se constrói, *A vida modo de usar*, paradoxalmente, escapa à vanguarda e aceita seus princípios. Este romance barroco abusa dos códigos clássicos do gênero, para a seguir subvertê-los e mesmo dissolvê-los como sugere a metáfora da tela que não se pinta.

O gigantesco puzzle de Georges Perec, espécie de antropologia do homem de hoje, união singular do imaginário do romance, do trabalho da memória e do sonho com os arquivos do saber, impõe-se como um texto marcadamente contemporâneo que, nutrido de textos passados, verá, com certeza, suas peças presentes nos textos do futuro.